

VISUALIDADES DA LOGOMARCA DA SECRETARIA DE CULTURA DE SÃO PAULO APRESENTADA NA I BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN – 1990

VISUALITIES OF THE LOGO OF THE SECRETARIAT OF CULTURE OF SÃO PAULO PRESENTED AT THE 1st BRAZILIAN DESIGN BIENNIAL -1990

Aulio Zambenedetti¹

Ronaldo de Oliveira Corrêa²

Resumo

Este artigo apresenta uma análise da proposta da Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, desenvolvida durante gestão de Luiza Erundina e apresentada na I Bienal Brasileira de Design, realizada em Curitiba no ano de 1990. Busca pensar como as características gráficas da proposta apresentada podem refletir tanto o design gráfico brasileiro da época quanto as dinâmicas políticas e culturais da cidade de São Paulo e suas possíveis intenções de comunicação. Utilizando uma revisão de literatura sobre métodos de análise visual e teórica, examinou-se as características técnicas e simbólicas situando-as dentro do contexto político, social e cultural do Brasil e forneceu-se um quadro teórico para a compreensão do papel do design na construção da identidade cultural e na promoção da inclusão social e cultural. Este estudo busca, a partir da Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, ampliar a compreensão da história do design no Brasil, e identifica lacunas na pesquisa atual sugerindo direções para futuras investigações sobre design, cultura e política.

Palavras-chave: bienal de design; identidade visual; cultura; política; governo

Abstract

This article presents an analysis of the Visual Identity proposal of the Municipal Secretariat of Culture of São Paulo, developed during Luiza Erundina's administration and presented at the I Brazilian Design Biennial, held in Curitiba in 1990. It aims to explore how the graphical characteristics of the proposed identity reflect both the Brazilian graphic design of the time and the political and cultural dynamics of the city of São Paulo, including its potential communicative intentions. By conducting a literature review on visual and theoretical analysis methods, the study examined the technical and symbolic characteristics of the proposal, situating them within Brazil's political, social, and cultural context, and provided a theoretical framework for understanding the role of design in constructing cultural identity and promoting social and cultural inclusion. This study aims to broaden the understanding of the history of design in Brazil through the Visual Identity of the Municipal Secretariat of Culture of São Paulo and identifies gaps in current research, suggesting directions for future investigations on design, culture, and politics.

Keywords: design biennial; visual identity; culture; politics; government.

¹ Discente mestrado T23 – Universidade Federal do Paraná / SACOD / PPGDesign. Email: auliozambdesign@gmail.com Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8614292004945255> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6723-2912>

² Doutor pelo PPGICH/UFSC (2008). Professor na graduação e pós-graduação na Universidade Federal do Paraná UFPR. Email: oliveronaldo@gmail.com Link Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3869130149433615> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1894-1944>

1. Introdução

O panorama do design brasileiro nas últimas décadas tem sido marcado por uma trajetória de transformação, refletindo não apenas as mudanças estéticas e tecnológicas, mas também os contextos sociais, políticos e culturais do país. Desde o final do regime militar até hoje, o Brasil testemunhou um crescente reconhecimento do design como uma ferramenta para impulsionar a inovação, promover a identidade cultural e melhorar a qualidade de vida (COUTINHO; LOPES, 2011). No centro deste movimento está a I Bienal Brasileira de Design, ocorrida em Curitiba no ano de 1990, que surgiu como um marco para a comunidade de design do país, e teve como objetivo: “Traçar o perfil do design brasileiro na década de 90” (FONTOURA, 1990).

A primeira edição da Bienal, ocorreu em um momento de transição e renovação do design no país (CONSOLO et al., 2009). O contexto político e cultural da época também desempenhou um papel significativo neste sentido, a promulgação da Constituição de 1988, conhecida com a “constituição cidadã” trouxe à tona novas perspectivas sobre o papel da cultura e da arte na sociedade brasileira, e a mudança de paradigma que refletiu nas políticas culturais, com foco renovado na democratização do acesso à cultura, na promoção da diversidade e inclusão (KARA-JOSE, 2007; VERONESE; DA SILVA, 2009).

Diante do exposto, este estudo busca explorar as visualidades da Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo submetida para a I Bienal Brasileira de Design e vencedora na categoria Identidade Corporativa. Ao analisar essa identidade visual, é possível compreender não apenas suas características estéticas e técnicas, mas também seu significado mais amplo dentro do contexto cultural e político do Brasil dos anos 1990. Serão analisadas as políticas culturais da época, a história do design no Brasil, as teorias da comunicação visual, para contextualizar e interpretar a Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Gráfico e Identidade Visual

O design gráfico engloba um conjunto de atividades destinadas à criação e a produção de elementos de comunicação visual, predominantemente em formato impresso, que incluem obras como livros, revistas, jornais, cartazes, folhetos, entre outros (CARDOSO, 2007).

No contexto empresarial e institucional o design gráfico desempenha um papel fundamental na criação e desenvolvimento de identidades visuais distintas para organizações, marcas e instituições (ZHANG, 2016), como veremos no caso do objeto deste trabalho.

Segundo a ADG - Associação de Design Gráfico (1998), Identidade Visual é um conjunto sistematizado de elementos gráficos que identificam visualmente uma empresa, instituição, produto ou evento. Ainda, a identidade visual é um aspecto do design gráfico que representa a essência e os valores de uma entidade por meio de elementos visuais consistentes e reconhecíveis, e pode incluir elementos como logotipos, paletas de cores, tipografia exclusiva e estilos de design específicos (TOPALIAN, 2003).

De acordo com Veira e Bruscatto (2023), o design gráfico desempenha um papel crucial em uma variedade de contextos, desde a criação de materiais de marketing e publicidade até o desenvolvimento de interfaces de usuário para aplicativos e websites. Através de uma combinação de criatividade, habilidades técnicas e conhecimento do público-alvo, os designers gráficos são capazes de desenvolver soluções visualmente impactantes que atendam às

necessidades e objetivos de seus clientes e usuários.

2.2. Políticas Culturais

O design desempenha um papel significativo no contexto das políticas culturais, pois está ligado à expressão e à comunicação visual de valores, identidades e narrativas culturais. As políticas culturais muitas vezes buscam promover e preservar a diversidade cultural, bem como apoiar a produção e difusão de manifestações culturais em várias formas, incluindo artes visuais, design, música, literatura e muito mais (LIMA; ORTELLADO; SOUZA, 2013). Estas referem-se às estratégias, diretrizes e programas governamentais voltados para o desenvolvimento e promoção da cultura em uma sociedade e essas políticas podem incluir iniciativas de apoio à arte, preservação do patrimônio cultural, promoção da diversidade cultural e estímulo à participação cívica e comunitária nas atividades culturais (FERREIRA, 2006).

No campo das políticas culturais, o design pode ser visto como uma ferramenta para a promoção da diversidade cultural, representando e promovendo as identidades culturais de diferentes grupos e comunidades, com possibilidade de ajudar a preservar tradições ao mesmo tempo que estimula a inovação e a criatividade na expressão cultural contemporânea (BERGMANN; MAGALHÃES, 2017). A forma como as políticas culturais são formuladas e implementadas pode impactar diretamente na prática do design, especialmente em projetos relacionados à cultura e à arte, influenciando, por vezes, as abordagens criativas, os recursos disponíveis e as oportunidades de colaboração com instituições culturais e governamentais (RUBIM, 2007).

3. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem analítica, que, de acordo com Richardson (1999), esta abordagem envolve a desagregação do objeto de estudo em seus componentes básicos para examinar suas partes constituintes, facilitando sua análise.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e uma análise documental para coletar dados relevantes. Marconi e Lakatos (2007), definem a pesquisa bibliográfica como uma etapa fundamental no processo da pesquisa científica, sendo essencial para o levantamento e análise de trabalhos já publicados sobre o tema de estudo, já Bardin (2016) destaca que a análise documental consiste na revisão e interpretação de documentos que sejam relevantes para o estudo.

A pesquisa começou pelo levantamento do catálogo oficial da I Bienal Brasileira de Design de 1990 que contém as informações sobre a proposta da identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Cellard (2012), argumenta que documentos oficiais são uma fonte de informações autênticas e detalhadas, sendo importantes para a construção de uma pesquisa. Esta coleta de dados constituiu a base para investigar e comparar aspectos relacionados ao objeto de estudo.

Posteriormente, os documentos foram submetidos a uma análise centrada nos elementos visuais apresentados na proposta, tais como tipografia, formas, composição e elementos gráficos. Dondis (2007), enfatiza a importância do exame destes elementos gráficos, pois permitem uma compreensão dos aspectos técnicos e estéticos da proposta de identidade visual. De acordo com Thompson (2017) a ideologia e a cultura são moldadas e disseminadas pelos meios de comunicação na sociedade contemporânea, assim, ao mesmo

tempo, foi realizada uma contextualização histórica e cultural para compreender o ambiente no qual a proposta foi desenvolvida, levando em consideração eventos políticos, sociais e culturais relevantes que ocorreram no Brasil e em São Paulo, capital, durante a década de 1990.

Para analisar a Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, foi adotada a definição de análise gráfica de Villas-Boas (2009), que a descreve como a crítica de projetos de programação visual, focando nas soluções adotadas na organização de seus elementos visuais. Para classificar tipograficamente os elementos, fez-se uso da classificação Vox-ATypl, criada em 1954, pelo tipógrafo e pesquisador francês Maximilien Vox que dividia os tipos em 9 categorias principais, conforme citado por Niemeyer (2003) e adotada pela Association Typographique Internationale. Além disso, para nomear os elementos presentes na proposta usaremos a Classificação técnica dos elementos gráficos do Glossário de Termos e verbetes utilizados em Design Gráfico / O ABC da ADG, Associação dos Designers Gráficos, 1998.

Os resultados foram discutidos e interpretados, considerando-se as características distintas da proposta de identidade visual, suas possíveis intenções de comunicação e seu impacto potencial na representação da Secretaria Municipal de São Paulo. No entanto, é importante reconhecer as limitações deste estudo, como a falta de dados sobre a utilização ou não da identidade desenvolvida, o que poderia gerar informações sobre a recepção pública e sua eficácia em termos de engajamento e reconhecimento da marca.

O processo de captura das imagens apresentadas neste trabalho foi feita diretamente de um exemplar do catálogo oficial da Bienal, em equipamento de grande porte e alta resolução, marca Konica Minolta série bizhub C300i, e apresentam cor amarelada e manchas face idade do artefato utilizado.

4. Resultados e Discussão

Nos anos 1980, os países da América Latina saíam de ditaduras militares. No Brasil, o final desta década trouxe uma nova ordem social e política com a promulgação da Constituição em 1988, chamada de “constituição cidadã”. Um dos constituintes proeminentes foi Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT), deputado federal mais votado em 1986 (BONAVIDES, 2000). A nova carta, entre direitos e deveres, garantiu ao brasileiro o pleno acesso à Cultura e conferiu ao Estado a obrigação de proteger todos os tipos de manifestações tipicamente nacionais.

Nesse contexto de democratização, ocorreram as primeiras eleições municipais, e em São Paulo, capital do estado, a maior cidade da América do Sul, centro urbano e de influência política e econômica para todo país, sagra-se vencedora a candidata Luiza Erundina do PT, uma mulher nordestina oriunda do interior da Paraíba, representando um partido de inspiração socialista e, supostamente, mais próxima das camadas populares, dos movimentos sociais e dos trabalhadores (COUTO, 1994).

Neste ambiente, foi desenvolvida a Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, que durante a administração de Luiza Erundina, entre 1989 e 1992, foi confiada à Marilena Chaui. Segundo Retroz (2021), Chaui já estava envolvida em discussões internas do Partido dos Trabalhadores sobre políticas culturais. Ela concebeu para a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo o conceito de “cidadania cultural”, baseado na ampliação dos direitos culturais. Esse novo conceito fundamentou-se no direito à participação na

formulação de políticas públicas, no acesso aos bens culturais da cidade, como teatros, cinemas, bibliotecas e museus, e no reconhecimento de cada cidadão e coletividade como sujeitos capazes de participar ativamente da vida cultural da metrópole.

Segundo Curtis e Cardoso (2022), “[...] a Constituição de 1988 possibilitou alterações positivas na relação do Estado com a cultura, abrindo espaço à visibilidade do design.” Essa mudança pode ter influenciado a presença de designers na equipe responsável pelo desenvolvimento da proposta de identidade visual para a Secretaria Municipal de Cultura. Vieira e Perassi, (2013) ressaltam que “A imagem da marca pode ser considerada um elemento estratégico na comunicação da organização para com a sociedade[...]”, o que poderia ser um diferencial no meio de tantas outras marcas institucionais utilizadas pela Prefeitura Municipal de São Paulo na época.

O catálogo oficial da I Bienal Brasileira de Design de 1990, apresentado na Figura 1 abaixo, oferece a oportunidade para analisar a proposta de identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo em relação às outras propostas apresentadas para o mesmo evento. O catálogo, composto por setes partes distintas, oferece uma visão abrangente do design gráfico praticado na época, proporcionando informações sobre os elementos visuais propostos e seus contextos.

Figura 1: Capa do Catálogo Oficial da I Bienal Brasileira de Design 1990.



Fonte: Catálogo Oficial da I Bienal Brasileira de Design – 1990 (2023)

O projeto gráfico do catálogo destaca uma diagramação estruturada em colunas fixas, elementos gráficos de suporte para a diagramação como fios de várias espessuras, reflete a atenção e a preocupação com a legibilidade e leveza visual de todo o volume. A escolha da fonte: helvética, usada em todos seus textos, juntamente com o tipo de papel e de impressão, demonstram um compromisso com a qualidade visual e a clareza da comunicação. O Quadro 1 abaixo traz uma ficha de coleta de dados com o detalhamento da análise gráfica do catálogo usando como referência as metodologias de Tonini et all (2010) e Bento e Fonseca (2017).

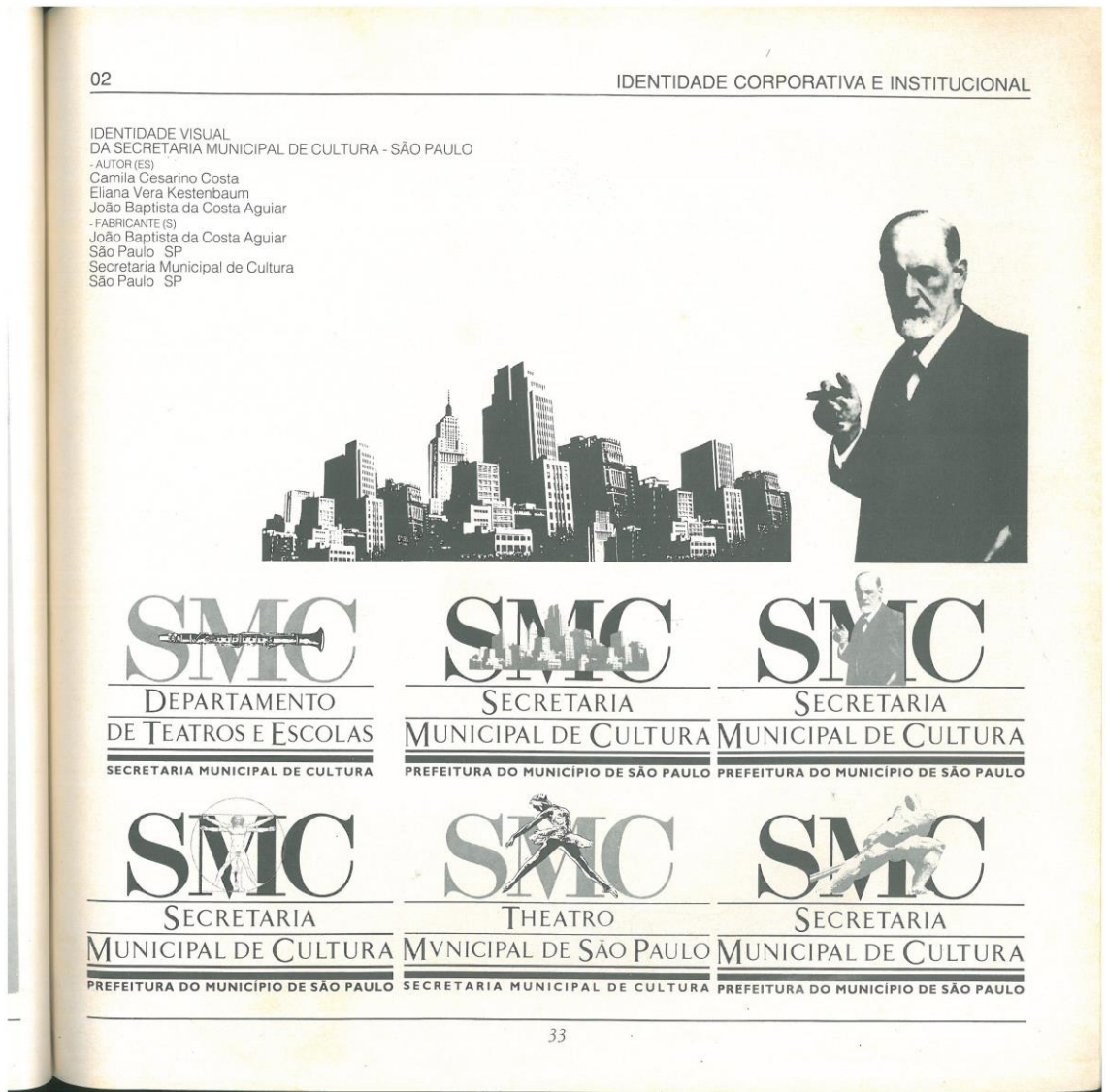
Quadro 1: Ficha de coleta de dados do Catálogo Oficial da I Bienal Brasileira de Design.

Catálogo I BIENAL BRASILEIRA DE DESIGN - 1990 / Curitiba				
Formato	quadrado	largura: 29 cm	altura: 29 cm	lombada quadrada colada
CAPA				
Impressão	off-set	colorida	4 cores CMYK* + cor especial: marrom / conta-fio**	
Papel	gramatura alta	cartão acetinado 1 face		
Cabeçalho	posição superior			
Data / nome do artefato	posição inferior			
Imagem	Ilustração	Autoria: Elizabeth Osowsky e Renato Bertão a partir do cartaz com design gráfico de Ivens Fontoura		
Proporção	imagem: 35% centralizada	cabeçalho: 7%	Data / nome do artefato : 3,8%	
MIOLO				
Impressão	offset	1 cor		
Papel	gramatura baixa	tipo acetinado		
Número de páginas	96			
Imagens	fotos	ilustrações	predominantemente geométricas retangulares	
Grade diagramação	2 a 6 colunas simétricas	larguras: 3,8 a 12,2 cm	espaçamento: 0,4 cm	
Alinhamento Grade	centralizada			
Texto	alinhado à esquerda	alinhado à direita em algumas legendas e referências		
Anúncios: (empresa local)	contra-capas	Apoio: BANESTADO - Banco do Estado do Paraná		
* CMYK - refere-se ao padrão básico de tintas da impressão off-set. Cian, Magenta, Yellow (amarelo), K (preto) - ref. ABC da ADG (1998)				
** Conta-fio - instrumento para a avaliação de resultados de impressão e de montagem de fotolitos. - ref. ABC da ADG (1998)				

Fonte: Elaborado pelos Autores.

É importante fazermos uma descrição dos aspectos gráficos do catálogo pelo fato de ser ele o suporte do objeto de pesquisa com uma característica que embora não impeça, mas restringe em parte a visualidade a ser feita neste trabalho, que é, como apresentado no Quadro 1, acima, o fato do miolo ser impresso em apenas uma cor, preto, impossibilita a análise cromática da identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, objeto deste estudo, que está apresentada em destaque na página 33 do catálogo, conforme Figura 2, abaixo, por ter sido a proposta vencedora na categoria Identidade Corporativa e Institucional. Nesta página constam também o nome dos autores da proposta apresentada: Camila Cesarino Costa, Eliana Vera Kestenbaum e João Baptista da Costa Aguiar.

Figura 2: Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.



Fonte: Catálogo Oficial da I Bienal Brasileira de Design – p.33 (2023)

João Baptista da Costa Aguiar foi, segundo Leon (2017), no período de 1989 a 1992, gestão da prefeita Luiza Erundina do PT – Partido dos Trabalhadores, Assessor para Comunicação Visual da Prefeitura de São Paulo, fato que, juntamente com seu portfólio e experiência poderíamos considerá-lo como autor principal da proposta apresentada.

Este fato pode representar uma das interações entre política, cultura e design, evidenciada ainda mais pela presença de propostas, de outros profissionais, para outras entidades governamentais, nas páginas de produtos indicados apresentados para as várias categorias previstas na I Bienal.

Assim este estudo busca compreender não apenas os elementos visuais e as soluções gráficas presentes na proposta, mas também analisar suas intenções como meio e mensagem de comunicação institucional.

Figura 3: Composições da Identidade Visual da SM CSP.



Fonte: Os autores sobre Catálogo da I Bienal Brasileira de Design – detalhe p.33 (2023)

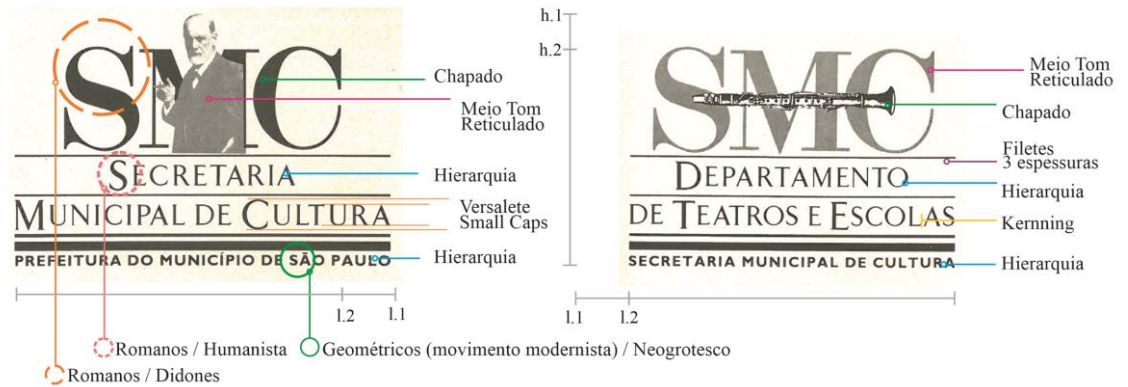
A Identidade Visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo visualizada no catálogo oficial da I Bienal conta com 6 composições, Figura 3 acima. Estas composições exibem um padrão geométrico, blocado, com ilustrações, tipologias e filetes, todos centralizados. As dimensões variam em largura e altura, dependendo em cada composição do tamanho da ilustração para a altura e da quantidade de caracteres na maior linha para a largura. Como exemplos desta característica podemos comparar as de números 1 e 5, onde as ilustrações aplicadas são de geometrias diferentes deixando a primeira circunscrita na tipologia principal e na segunda a largura é definida pela quantidade maior de texto na segunda linha da assinatura. Esta variação de largura ocasionou um ajuste de kernning, espaçamento entre as letras, na linha de rodapé é possível observar considerando que têm o mesmo texto.

No que diz respeito à tipografia, foram adotadas três famílias distintas. A maior, onde se lê SMC, acrônimo de Secretaria Municipal de Cultura, é uma fonte classificada como Romana de característica Didone. A segunda família, usada nas duas linhas centrais, onde se lê o nome da Secretaria por extenso e nos outros casos o nome de um departamento ou de um próprio municipal também é classificada como Romana, mas de característica Humanista. Por fim, a terceira família, empregada na linha do rodapé, são da família Geométrica, associada ao movimento modernista, de característica Neogrotesca. Adicionalmente, a tipologia das linhas centrais é apresentada em versalete tipo smallcaps.

Observa-se uma hierarquização dos elementos e das composições, delineada por duas características principais, como mostra a Figura 4, abaixo. Os filetes estão aplicados com 3 espessuras diferentes, isolando o acrônimo, as duas linhas centrais por extenso e o texto de rodapé. Outra característica é como as ilustrações e o acrônimo são aplicados, ver Figura 4 acima. Quando as linhas centrais apresentam o texto: Secretaria Municipal de Cultura (composições 2, 3, 4 e 6), o acrônimo pode pretender dar destaque visual para o personagem principal do trabalho, sendo aplicado em cor chapada e a ilustração em retícula de meio tom com rodapé assinando Prefeitura Municipal de São Paulo. Por outro lado, quando as linhas centrais se referem à um departamento ou à um espaço público cultural (composições 1 e 5) a

aplicação se inverte, ficando o acrônimo aplicado em retícula de meio tom, e a ilustração em cor chapada.

Figura 4: Elementos gráficos das composições da Identidade Visual da SM CSP.



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Das ilustrações inseridas nas composições, Figura 4, acima, somente duas tem relação direta com São Paulo, (composições 2 e 6), e as restantes se olhadas separadamente da linguagem verbal é possível que não sejam reconhecidos seus significados.

Segundo Temin, (2014) o início do uso do computador como ferramenta de trabalho nos escritórios de design gráfico na cidade de São Paulo se dá no começo dos anos 1990. Considerando os prazos de inscrição, envio, análise e julgamento das propostas apresentadas, e conforme Fontoura (1990), houve contratempos na organização da I Bial, nesse contexto, é importante avaliar o quanto a proposta apresentada refletiu a excelência dos saberes e técnicas dominadas pelo principal profissional envolvido, autor de outros trabalhos apresentados para a I Bial, com clara experiência na área. A variedade de elementos gráficos nas composições apresentadas, incluindo três famílias tipográficas (duas serifadas e uma geométrica), traços variados e ilustrações, sugere o uso de uma nova ferramenta de trabalho. Essa escolha estilística visava demonstrar uma modernidade alinhada à administração pública que recém havia chegado ao poder.

Ao compararmos com a proposta apresentada para a cidade de Curitiba, no mesmo evento e na mesma categoria de trabalhos, Figura 5, abaixo, coincidentemente montada na mesma página do outro trabalho deste profissional, para a Companhia das Letras, percebe-se uma complexidade visual nesta que pode ter impressionado um corpo de jurados da área tanto pelo seu domínio técnico quanto pelo seu ineditismo.

A mistura de fontes de origem clássicas e das ilustrações, ora representando a história e cultura local e ora elementos da cultura estrangeira, presentes nas composições apresentadas poderiam ser vistas com, segundo Barriandos, (2009) uma lógica mestiça, um hibridismo, sendo uma alternativa ao paradigma da pureza. Quais interpretações intencionavam com estas composições. O tensionamento anterior com um regime ditatorial pode ter colaborado com uma necessidade de expressão além-fronteiras, relegando para um segundo momento a cultura e expressões locais. A necessidade de conexão com outras culturas, de sair da periferia, de interagir e fazer parte dos grandes centros, de se movimentar livremente alcançando outras fontes de inspiração e representações, se mostrando e

assumindo um papel de cidade moderna, de vanguarda e com cultura globalizada pode ter sido o argumento adotado.

Figura 5: Proposta para a marca da cidade de Curitiba no Catálogo da I Bienal.



Fonte: Catálogo Oficial da I Bienal Brasileira de Design– página 21 (2023)

Barriendos (2009) observa como a globalização da arte periférica se encaixa nas narrativas institucionais, e como as noções de universalismo muitas vezes são condicionadas pelo sucesso nos centros de poder, o que explicita uma colonialidade que poderia estar refletida na resolução gráfica do trabalho. Por outro lado, este uso diverso de imagens, algumas externas à cultura local, pode ser visto como um reflexo da expansão das atividades e ações culturais por todo o país. Neste contexto, Curtis e Cardoso (2022, apud Mata-Machado, 2013) salientam: “O processo de diferenciação e especialização de funções nas diversas cadeias produtivas da cultura, associado à revolução nas tecnologias de informação e comunicação, introduziu novos atores na cena cultural.” Assim, enquanto Barriendos aborda a influência das dinâmicas de poder global sobre a arte periférica, Curtis e Cardoso enfatizam a multiplicidade de influências e a complexidade crescente do campo cultural, sugerindo uma interseção entre a colonialidade mencionado por Barriendos e a diversificação cultural descrita por Curtis e Cardoso.

Ao final, a proposta apresentada e ganhadora de uma das categorias da I Bienal, com suas intencionalidades e visualidades não foi aplicada para identificar a Secretaria Municipal de Cultura. Encontramos um documento, RAM nº199, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo datado de 1991, no qual a marca preservou apenas a diagramação e a tipografia. Os conceitos originalmente aplicados na proposta da Identidade Visual da Secretaria foram transferidos para a marca da cidade, como ilustrado na Figura 6, abaixo.

Figura 6: Contracapa da Revista RAM ed.199/1991. Marcas SMCSP e Prefeitura de São Paulo.



Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/publicacoes (2023).

A década de 1990 representou transformações significativas no Brasil, marcando o fim do regime militar e o advento da democracia, influenciando também o panorama do design nacional. A I Bienal Brasileira de Design tinha como objetivo: “Traçar o perfil do design brasileiro na década de 90”, e desempenhou um papel crucial ao refletir e moldar as práticas de design no país, proporcionando um espaço para a expressão criativa e a exploração de novas técnicas, ideias e tendências.

Em São Paulo, como epicentro cultural e econômico do Brasil, emergiu a demanda por uma identidade cultural mais inclusiva e cosmopolita. A proposta de identidade visual para a Secretaria Municipal de Cultura durante a I Bienal refletia essas aspirações, buscando capturar a essência diversificada da cultura paulistana em um contexto globalizado. A fusão de diferentes famílias de fontes tipográficas e a incorporação de símbolos culturais locais e universais não apenas intencionavam comunicar a identidade da Secretaria, mas também celebrar a herança e miscigenação cultural da cidade.

A eficácia dessa identidade visual como meio de comunicação institucional dependia da capacidade de transmitir os valores e objetivos da Secretaria de forma clara. O uso estratégico dos elementos gráficos poderia construir uma narrativa visual que ressoasse com o público, fortalecendo a legitimidade e relevância da instituição no cenário político e cultural em constante evolução. Ao explorar a interseção entre design, política e cultura, podemos compreender melhor como a identidade visual pode ser uma ferramenta para expressar identidade cultural, promover agendas políticas e comunicar mensagens institucionais.

Essa análise permite ver e entender tecnicamente a proposta de identidade visual em si, e nos ajuda a contextualizá-la dentro do momento da história do design brasileiro e das transformações políticas e culturais da época. Ao investigar a relação entre os elementos visuais propostos e o contexto histórico e cultural, podemos distinguir as possíveis motivações por trás das escolhas de design e entender como estes elementos foram combinados para representar a Secretaria Municipal de Cultura, e por extensão, a própria cidade de São Paulo.

Além disso, ao examinar a interseção entre design, política e cultura, podemos compreender como o design gráfico não é apenas uma ferramenta estética, mas também uma forma de expressão política e cultural. Por meio da análise da proposta de identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, podemos apreciar como o design pode influenciar percepções, moldar identidades e comunicar mensagens sobre a sociedade em que

vivemos.

Em resumo, este estudo de caso oferece uma visão da integração entre o design, política e cultura, destacando o papel do design gráfico na construção e comunicação da identidade cultural e institucional. Ao examinar a proposta de identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo apresentada na I Bienal Brasileira de Design de 1990, capturamos um momento específico na história do design brasileiro, e uma visão mais ampla das aspirações e desafios da sociedade brasileira e dos profissionais de design em um período de transição e transformação.

5. Considerações Finais

Ao longo deste estudo, foi possível compreender as nuances das visualidades de tempo, espaço e criação, particularmente no contexto da identidade visual da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo durante a gestão de Luiza Erundina entre 1989 e 1992 apresentada para a I Bienal Brasileira de Design, ocorrida em Curitiba em 1990. Essa análise revelou não apenas uma mudança estética na identidade visual, mas também uma transformação ideológica, refletindo os ideais de democratização cultural e cidadania propostos pela Constituição de 1988.

A constituição desempenhou um papel fundamental ao garantir os direitos culturais e ao abrir espaço para o reconhecimento do design como ferramenta nas políticas públicas. A identidade visual desenvolvida para a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo encapsulou o conceito de “cidadania cultural”, proposto por Marilena Chaui, provavelmente com a intenção de possibilitar a expansão do acesso aos bens culturais e incentivar a participação dos cidadãos na condução das políticas públicas.

A análise dos elementos gráficos dessa identidade visual revelou uma sofisticação técnica, sugerindo uma transição para o uso emergente de tecnologias digitais na prática do design gráfico. Essa transição pode ser interpretada como uma tentativa de modernizar a comunicação visual do setor público e democratizar o acesso à cultura por meio de uma linguagem contemporânea. Porém, a preocupação estética e formal da concepção da Identidade Visual parece não ter se estendido às questões legais de proteção da criação, mesmo a proposta apresentada tendo sido ganhadora de um prêmio, pois, em pesquisa na base de dados do INPI – Instituto Nacional de Propriedade Intelectual não existe registro desta marca, ao contrário da marca do mesmo autor e apresentada para a I Bienal, Companhia das Letras, registrada desde 1986.

Para futuras pesquisas, é recomendado explorar o impacto da identidade visual na participação cidadã e ampliação dos acessos às expressões artísticas, investigar a relação entre design gráfico e os movimentos políticos e sociais, examinar os efeitos da introdução de tecnologias digitais na prática do design em instituições públicas e analisar como as identidades visuais podem promover a inclusão e representar a diversidade cultural. Essas áreas de pesquisa têm o potencial de fornecer insights valiosos para a prática do design gráfico e o desenvolvimento de políticas culturais mais inclusivas e participativas.

Referências

ADG, Associação dos Designers Gráficos. **ABC da ADG – Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico**. 1998. Disponível em: <http://naolab.nexodesign.com.br/wp-content/uploads/2018/07/A-B-C-da-A-D-G.compressed.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

BARRIENDOS, Joaquín. **La emergencia del arte “periférico-global”**. Ramona. Buenos Aires, n. 91, p. 39-43. 2009. Disponível em <<https://ahira.com.ar/ejemplares/ramona-no-91/>> Acesso em: 18 de agosto de 2023.

BENTO, Amanda Ardisson; FONSECA, Letícia Pedruzzi; **"Análise gráfica da revista Bonde Circular"**, p. 1475-1485. In: São Paulo: Blücher, 2018. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/cidi2017-paper14 disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/anlise-grfica-da-revista-bonde-circular-30521> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

BERGMANN, Márcia; MAGALHÃES, Cláudio. **Do desenho industrial ao design social: políticas públicas para a diversidade cultural como objeto de design**. Estudos em Design, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 51-64, nov. 2017. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/434>. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência política**. 10.ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

CARDOSO, Rafael. **O design gráfico e sua história**. <https://docente.ifrn.edu.br/carlosdias/informatica/programacao-visual/o-design-grafico-e-sua-historia>. 2007

CELLARD, A. **A Análise Documental**. In: Poupart, J., Deslauriers, J. P., Groulx, L. H., Laperrière, A., Mayer, R., & Pires, A. P. A Pesquisa Qualitativa: Enfoques Epistemológicos e Metodológicos. Petrópolis. Editora Vozes. 2012

CONSOLO, Cecília; et all. **Anatomia do Design: uma Análise do Design Gráfico Brasileiro**. [s.l.] Editora Blucher, 2009.

COUTINHO, Solange; LOPES, Maria Teresa. **Design para educação: uma possível contribuição para o ensino fundamental brasileiro**. Papel social do design gráfico, p. 137-162, 2011.

COUTO, Claudio Goncalves. **Mudança e crise: o PT no governo em São Paulo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 145-164, 1994.

CURTIS, Maria do Carmo G.; CARDOSO, Eduardo. **Inserção do design nas políticas públicas culturais no Brasil: um momento promissor**. 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, P&D 2022. Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368319547_Insercao_do_design_nas_politicas_publicas_culturais_no_Brasil_um_momento_promissor. Acesso em: 28 de julho de 2023.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Martins Fontes. 2007.

FERREIRA, Maria Mary. **Políticas públicas de informação e políticas culturais: e as bibliotecas públicas para onde vão?**. Transinformação, v. 18, p. 113-122, 2006.

FONTOURA, Ivens. **I Bienal Brasileira de Design – Catálogo Oficial**. 1990

INPI, Instituto Nacional da Propriedade Industrial do Ministério da Economia. Disponível em: <https://busca.inpi.gov.br/pePI/>

KARA-JOSÉ, Beatriz. **Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo, 1975-2000**. Annablume, 2007.

LEON, Ethel. **Designer João Baptista**. In: **Designer João Baptista**. [S. l.], nov. 2017. Disponível em: <https://www.revistadsg.espm.br/e01/nota01/>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; ORTELLADO, Pablo; SOUZA, Valmir de Souza. **O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do estado no campo da cultura**. IV Seminário Internacional de Políticas Culturais, Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro. 2013

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.315p.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2003.

RETROZ, Sergio Ricardo. **POLÍTICAS CULTURAIS E CIDADANIA CULTURAL**. In: MEMÓRIA EM TEMPOS DE DEMOCRACIA: patrimônio e museologia na gestão municipal de São Paulo, de 1989 a 1992. Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Borges. 2021. Tese (Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social. Métodos e Técnicas**. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1999

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, n. 13, p. 101-113, 2007.

TEMIN, Roberto. **O início do uso do computador pessoal como ferramenta de trabalho nos escritórios de design gráfico na cidade de São Paulo**. Histórias do Design no Brasil II, São Paulo, p. 181 - 201, 2014.

THOMPSON, J. B. Ideologia e Cultura Moderna: **Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. Petrópolis. Editora Vozes. 2017

TIPOGRAFART. **A Classificação Vox-AtyPI**. 2012. Disponível em: <https://tipografart.wordpress.com/2012/11/06/a-classificacao-vox-atypi/> Acesso em: 08 de agosto de 2023

TONINI et all. **Desenvolvimento da "Ficha de Coleta de Dados" para análise gráfica da revista Vida Capixaba – 2010** 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Disponível em: <http://ancara.com.br/tahd> Acessado em 17 de junho de 2023.

TOPALIAN, Alan. **Experienced reality: The development of corporate identity in the digital era**. European Journal of Marketing 37(7/8):1119-1132. August. 2003

VERONESE, Josiane Rose Petry; DA SILVA, Rosane Leal. **O acesso à cultura, informação e entretenimento e as medidas de prevenção previstas no estatuto da criança e do adolescente.** Seqüência: estudos jurídicos e políticos, v. 30, n. 59, p. 299-326, 2009.

VIEIRA, Susana; PERASSI, Richard. **Gestão do Design: A Percepção da Imagem da Marca.** Estudos em Design. Revista (online). Rio de Janeiro: v. 21 | n. 2 [2013], p. 01 – 21. Disponível em: <https://www.eed.emnuvens.com.br/design/article/view/130/127>. Acesso em: 14 de julho de 2023.

VIEIRA, Bruna Luz; BRUSCATO, Léia Miotto. **Parâmetros para a criação de sistemas generativos de identidade visual.** Estudos em Design, v. 31, n. 3, 2023.

VILLAS-BOAS, André 2009. **Sobre análise gráfica, ou algumas estratégias didáticas para a difusão de um design crítico.** In: Arcos Design: Rio de Janeiro, UERJ, ESDI, PPDESDI, n. 5, dez.

ZHANG, Chufan. **The Importance of Visual Identity Graphic Design in Cities.** In: 2016 2nd International Conference on Social Science and Technology Education (ICSSTE 2016). Atlantis Press, 2016. p. 708-714.